

INSTITUTO
Documentação
SOCIOAMBIENTAL
Fonte: OESP (Gual)
Data: 15/9/2003, Pg. 19
Class.: 184

A ameaça dos pesquisadores estrangeiros, mais um mito

Para Inpa, estudos na Amazônia podem ter colaboração de fora com regras e direitos claros

EVANILDO DA SILVEIRA

Assim como há o mito de que qualquer árvore ou animal da Amazônia é uma fonte que pode render milhões de dólares, também existe a crença de que todo estrangeiro que coloca os pés na região quer roubar essa riqueza. “A presença de estrangeiros na Amazônia deve ser desmitificada”, diz o pesquisador Efreim Ferreira, do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (Inpa). “Existe uma idéia que todo pesquisador estrangeiro é um ‘biopirata’. Mas não é bem assim.”

Segundo Ferreira, a colaboração de pesquisadores de outros países é indispensável para o estudo e conhecimento da Amazônia. “O que tem de haver é igualdade de condições e de apoio entre a instituição estrangeira e a brasileira”, explica. “Muitas vezes – e na verdade isto é quase regra – os recursos da contrapartidas brasileira demoram a sair, ou mesmo não

saem, o que nos deixa e uma situação delicada.”

O diretor do Inpa, José Gomes, também não vê os pesquisadores estrangeiros como ameaça. “Nós temos que trazer aqueles que podem colaborar conosco, estabelecendo regras bem claras sobre os direitos e deveres de cada parte”, diz. “O problema são os pesquisadores mal intencionados, que entram como turistas e levam material. Mas aí é biopirataria, que é caso de polícia.”

O pesquisador Adalberto Luís Val lembra outro aspecto dessa questão.

“Não há como colocarmos uma cerca na região para preservar sua biodiversidade”, diz. “A estratégia da ‘reserva de mercado’ não se aplica à biologia. A água de lastros de navios, os sucos e as polpas de frutas exportados para outros países e regiões, os peixes,

incluindo os ornamentais, as aves que migram de um país para outro, tudo tem material genético, que pode ser decifrado. Além disso, Amazônia não é só brasileira. Animais e plantas não respeitam fronteiras. Portanto, a preservação do patrimônio biológico passa, necessariamente, pela aquisição de conhecimentos científicos.”



Efreim Ferreira, do Inpa